



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEDOC

**LETRAMENTO E HISTÓRIA DE VIDA: AS MEMÓRIAS DE PROCÓPIA DOS
SANTOS ROSA DA COMUNIDADE KALUNGA-RIACHÃO MONTE ALEGRE -
GO**

Lourdes Fernandes de Souza

Planaltina – DF
2014

**LETRAMENTO E HISTÓRIA DE VIDA: AS MEMÓRIAS DE PROCÓPIA DOS
SANTOS ROSA DA COMUNIDADE KALUNGA-RIACHÃO MONTE ALEGRE -
GO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção ao título de licenciada em Educação do Campo, com Habilitação na Área de Linguagens.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Rosineide Magalhães de Sousa

Lourdes Fernandes de Souza

Planaltina – DF

2014

Lourdes Fernandes de Souza

**LETRAMENTO E HISTÓRIA DE VIDA: AS MEMÓRIAS DE PROCÓPIA DOS
SANTOS ROSA DA COMUNIDADE KALUNGA-RIACHÃO MONTE ALEGRE -
GO**

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa - UnB (Orientadora)

Profa. Dra. Regina Coelly (Examinadora)

Profa. Doutoranda Severina Alves de Almeida (Examinadora)

Planaltina-DF

2014

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por conceder a oportunidade de realizar um sonho.

Aos meus pais, por não se contentarem em apenas me dar o dom da vida, mas também pela luta e contribuição, pelo incentivo e apoio para que mais uma etapa do meu crescimento se concretizasse.

A minha amada laiá Procópio dos Santos Rosa parte fundamental para realização deste trabalho.

Ao meu filho Uriel Fernandes dos Santos que amo incondicionalmente, pela atenção a ele negligenciada em prol da execução dos trabalhos.

Aos meus irmãos, pelo incentivo e carinho de sempre, tão importantes na construção dessa trajetória.

Ao meu esposo, Wilian Santos Costa, pela paciência e compreensão, pelo carinho e companheirismo, nas horas em que mais precisei.

Às amigas Eurotildes, Cleonice, Josina e Sideni, Antônia e Lucinete por fazerem parte da minha história.

Aos colegas da turma Panteras Negras, por me acolherem e me auxiliarem neste processo de aprendizagem.

Aos educadores da LEDOC, em especial, à Rosineide Magalhães de Sousa e Severina Alves de Almeida (Sissi) por doarem tanto de si, proporcionando um futuro melhor para todos nós.

À Escola Estadual Kalunga II, em especial aos “meus queridos alunos” pelo incentivo, apoio e pela compreensão.

Enfim, a todos que de uma forma ou outra, contribuíram para que esse momento se tornasse inesquecível muito obrigada!

A leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.

Paulo Freire (1985^a p. 22).

“Os sábios brilharão como brilha o firmamento, e os que ensinam a muitos a justiça, brilharão para sempre como estrelas”.

Daniel (12,3).

DEDICATÓRIA

Dedico a todos da minha família que amo muito, pelo apoio e incentivo na
progressão dos meus estudos.

Especialmente a laiá Procópio parte essencial do meu trabalho.

Há meu filho Uriel que tanto amo.

Há meu esposo pela paciência e ajuda nas horas que mais precisei.

LISTA DE ABREVIATURAS

CKR - Comunidade Kalunga Riachão GO;

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil;

FUP- Faculdade de Planaltina;

INCRA Instituto de Colonização Nacional da Reforma Agrária;

LEDOC – Licenciatura em Educação do Campo;

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra;

PPP- Projeto Político Pedagógico;

TC - Tempo Comunidade;

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso.

TU - Tempo Universidade

SEPIR- Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial;

UnB - universidade de Brasília;

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura;

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância.

LISTA DE FOTOS

Foto 1.Estrada de acesso á comunidade Riachão e as demais comunidades.....	21
Foto 2.Casa de Iaiá Procópia.....	37
Foto 3.Iaiá Procópia dos Santos Rosa.....	39
Foto 4.Iaiá Procópia no encontro da juventude em Monte Alegre.....	40
Foto 5.Reza de altar;Divino Espírito Santo comunidade Areia.....	43
Foto 6.Dança sussa.....	44
Foto 7.Cantando e dançando sussa.....	45

LISTA DE MAPA

Figura. 1.Mapa de localização das comunidades Kalunga.....	20
--	----

RESUMO

O presente trabalho tem a intenção de registrar as práticas de Letramento da Matriarca Iaiá Procópio dos Santos Rosa, anciã da comunidade Kalunga Riachão, no município de Monte Alegre de Goiás, por meio de sua história de vida e memória oral. O objetivo é analisar como se dão essas práticas na vida social e registrar sua biografia, identificando e descrevendo as experiências dessa Matriarca. Nesse sentido, utilizamos o método de pesquisa qualitativa (GIL, 2010), na modalidade da pesquisa do tipo etnográfico (ERICKSON, 1981). O intuito foi identificar como se efetivam as práticas de letramento numa perspectiva sociolinguística, a partir das teorias Erickson (1981), Bortoni-Ricardo (2009) e Sousa (2006). Através dos estudos de Benjamim (1987), buscamos compreender os saberes adquiridos ao longo de sua existência, principalmente no tocante à memória e às suas experiências de vida. Desta forma, tratamos dos múltiplos letramentos, da interação e do estudo da sabedoria da pessoa na perspectiva de integração do indivíduo no seu meio social e, principalmente, a identidade letrada no que diz respeito aos Letramentos. O estudo traz como contribuição as experiências de vida de uma anciã Kalunga agora na memória escrita. Essa memória pode ser ensinada na escola da região de Goiás e em outros lugares e faz parte do patrimônio imaterial brasileiro.

Palavras chave: Letramento; Sociolinguística; História de Vida; Educação do Campo.

ABSTRACT

This paper intends to register the literacy practices of Matriarch Iaiá Procópio dos Santos Rosa, the elderly Riachão Kalunga community in the municipality of Monte Alegre de Goiás, through its life history and oral memory. The aim is to analyze how these practices occur in social life and register your biography, identifying and describing the experiences of this Matriarch. In this sense, the use of qualitative research method (GIL, 2010), research mode of ethnographic (Erickson, 1981). The aim was to identify how the become effective literacy practices in a sociolinguistic perspective, as of theories Erickson (1981), Bortoni-Ricardo (2009) and Sousa (2006). Through Benjamin's studies (1987), we seek to understand the knowledge acquired throughout its existence, particularly with regard to memory and their life experiences. Thus, we treat the multiple literacies, the interaction and the person wisdom of study in the individual integration perspective in their social environment, and especially the literate identity with regard to Literacies. The study brings as contribution the life experiences of a Kalunga old woman now in writing memory. This memory can be taught in the school of Goiás region and elsewhere and is part of the Brazilian intangible heritage.

Keywords: Literacy; Sociolinguistics; Life History; Rural Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I: METODOLOGIA DE PESQUISA.....	18
1.1. Contexto de Pesquisa	19
1.2. Dona Procópia: Objeto do Estudo	20
1.3. Instrumento da Pesquisa.....	21
1.4. Objetivo Geral	22
1.4.1. Objetivos Específicos	22
1.5. Pergunta de pesquisa	22
CAPÍTULO II: ASPECTOS SOCIOHISTÓRICOS DOS KALUNGA.....	24
2.1. História e Cultura dos Kalunga de Riachão	26
CAPITULO III: BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO	28
3.1. Educação Do Campo: concepções teóricas	28
3.2. Movimentos Sociais e Educação do Campo	29
3.3. A luta dos movimentos sociais por Educação do Campo	30
3.4. A inserção da pesquisadora contexto da educação do campo.....	31
CAPITULO IV: BASE TEÓRICA: SOCIOLINGUÍSTICA, LETRAMENTO, HISTÓRICA DE VIDA E MEMÓRIA	33
4.1. Sociolinguística	33
4.1.1. Oralidade e Sociolinguística	35
4.2. Letramento.....	37
4.2.1. Letramento como Prática Social da Escrita	38
4.3. História de vida	41
4.4. Memória	42

CAPITULO V: REVELANDO A HISTÓRIA DE VIDA DE IAIA PROCÓPIA A PARTIR DA ORALIDADE PARA O LETRAMENTO	44
5.1. Biografia de uma guerreira	44
5.2. Tradição E Oralidade: eventos e práticas de Letramento a partir da história narrada por Iaiá Procópia.....	45
5.3. Os eventos de Letramentos e as diversas formas de participação de Iaiá Procópia na realidade kalunga riachão	47
5.3.1. Assim falou Iaiá Procópia.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo identificar, analisar e registrar as práticas de Letramento de Procópio dos Santos Rosa, Matriarca Kalunga, a partir de sua história de vida e de suas memórias. A intenção da pesquisa se materializou a partir da experiência de vida com a pesquisada, na qual tenho relação familiar de neta e avó, e também com os meus conhecimentos adquiridos e compreensão do tema estudado nas aulas de Letramento, História e Memória do Território, no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade de Brasília – UnB Campus de Planaltina-DF com as professoras Rosineide Magalhães, Roberta, Ana Aparecida, Regina Coelly e Laís Mourão, as quais contribuíram para realização deste trabalho, com seus ensinamentos teóricos e práticos.

É um maravilhoso presente despertar para a produção deste trabalho, tendo alguém assim como anciã na minha família, cresci convivendo e compartilhando esses conhecimentos que estão somente na memória e não aprendidos e nem registrados. Para mim, é uma oportunidade de refletir e resgatar esses saberes enraizados no meu sangue e é uma referência importante na realização do mesmo.

A pesquisa foi realizada na comunidade Kalunga-Riachão, município de Monte Alegre de Goiás, com laia¹ Procópio, em sua casa. O processo histórico da matriarca deu-se, de início, no Quilombo Kalunga, materializando a história de vida da idosa até nos dias de hoje. No entanto, cada grupo social ou pessoa adquire uma maneira própria de se comunicar desenvolvendo seus conhecimentos e habilidades no contexto onde vive, relacionando um com o outro, superando as dificuldades e construindo sua identidade.

Apresentamos, nesta pesquisa, o letramento por meio da oralidade de uma anciã sábia, adquiridos ao longo de sua existência, passado de pais para filhos, em que se destacam os conhecimentos da Senhora Procópio dos Santos Rosa. O trabalho tem, ainda, o intuito de ressaltar a importância e a valorização da cultura

¹ s.f. Bras. Tratamento muito usado na época da escravidão dado às moças, meninas e senhoras. Na comunidade Kalunga usa-se o termo como tratamento de chamar avó.

local, que de alguns anos para cá está sendo deixada pelos moradores, principalmente pelos jovens, influenciados pela Indústria Cultural, com a chegada das tecnologias na comunidade. Por esse fato, percebemos um desencaixe, exemplo de modernidade tardia, pois eles têm suas escolhas, não querem participar e nem têm interesse em aprender esses saberes, parte da tradição cultural em que vivem: rezas, folia, Sussa, batizado, casamento na fogueira e outras práticas exercidas pelos mais velhos. E, isso traz muitas preocupações, porque os mais velhos, as pessoas que sabem e praticam esses saberes, estão morrendo. Esses saberes, com o passar do tempo, podem desaparecer da cultura local ancestral.

Com suas lutas próprias, os moradores apresentam uma riqueza ao letramento adquiridos em suas vivências, com sabedoria de um povo herdado de seus descendentes, com seu jeito peculiar de tratar as coisas, as manifestações culturais Kalungueira. Principalmente, desde contar os causos, cumprimentar e acolher as pessoas de forma humilde, não preocupados com modo de vida naquele território.

Esta pesquisa desenvolve-se por meio da metodologia qualitativa, na perspectiva etnográfica, e que tem como objetivo identificar o letramento por meio da história de vida e memória. Além disso, será registrada a biografia da matriarca, identificando e descrevendo as práticas de letramento, por meio pesquisadora deste trabalho, em sua trajetória, dialogando com os seguintes autores; Baiocchi (1999), Soares (2004), Rojo (2009), Bozza (2005, p. 249).

Segundo Baiocchi (1999), o termo Kalunga tem um significado que envolve o sentimento de território, sendo considerado um lugar sagrado e ainda uma planta que nunca seca, a Simaba Ferrugínea, que representa o poder e a ancestralidade, valorizando a memória dos antepassados africanos, que primeiro se enraizaram naquelas terras, transformando o espaço geográfico, fortalecendo sua identidade.

Quilombo é um símbolo de luta dos negros no Brasil, era um lugar de difícil acesso, onde os negros se refugiaram dos senhores de escravos que os tratavam com os piores castigos, esse local foi se modificando em verdadeiras comunidades e cidades.

Desse contexto, buscamos práticas de letramento kalunga. Segundo

Soares (2004), letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais, é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e a escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social. As práticas de letramento, muitas vezes, surgem dos conhecimentos da oralidade.

Vale ressaltar que as práticas sociais de letramento são exercidas em diferentes contextos e locais. Para Rojo (2009), existem dois tipos de letramentos, os dominantes e os vernaculares. Os dominantes estão associados às organizações formais, tais como a escola, as igrejas, locais de trabalho, sistema legal, o comércio, as burocracias. Já os letramentos vernaculares não são regulados, controlados ou sistematizados por instituições ou organizações sociais e tem sua origem na vida cotidiana e nas culturas locais.

Dentre os tipos de letramentos, o mais frequente na comunidade Kalunga são os letramentos vernaculares, isto é, não são regulados, controlados ou sistematizados por instituições ou organizações sociais, mas tem sua origem na vida cotidiana nas culturas locais. É importante ressaltar que, a comunidade Kalunga, é remanescente de Quilombo, tem o processo histórico cheio de contradições e a maioria das pessoas principalmente os mais velhos são analfabetos, vivem da agricultura de subsistência, da confecção de alguns produtos e de benefícios do governo federal.

Mas, mesmo assim, sem uma escolarização os moradores têm um conjunto de práticas concretas adquiridas por meio de suas vivências transmitidas de geração a geração.

Este trabalho procura analisar melhor e registrar as práticas de letramento da matriarca Kalunga por meio da história de vida e memória, ou seja, um conjunto de habilidades aprendido na vivência que caracteriza uma particularidade herdada de sua origem. Além disso, se faz a importância a produção deste trabalho, pois, eu Lourdes enquanto sujeito participativo narrando a história do meu povo que também é a minha história. Por isso, que a sociolinguística busca identificar a oralidade em uma comunidade histórica com traços linguístico da época da colonização.

Neste sentido, realizamos uma análise do letramento que acontece no âmbito social, em que buscam investigar as práticas de letramentos decorrentes da origem geográfica, principalmente os falares de origem nativa que são do povo

Kalunga.

Diante dessa exposição inicial, o presente trabalho está dividido em seis capítulos: no primeiro capítulo abordamos Metodologia de Pesquisa, no segundo ressaltamos sobre os aspectos Sócio Históricos dos Kalunga, terceiro capítulo aborda-se sobre um Breve Histórico da Educação do Campo, no quarto capítulo, temos a Base Teórica: Sociolinguística, Letramento, Histórica de Vida e Memória, e o quinto capítulo ressaltamos sobre a história de Vida de *Iaiá Procópio* a partir da Oralidade para o Letramento.

CAPÍTULO I: METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente trabalho tem como base de pesquisa a metodologia qualitativa que tem como estratégia a perspectiva etnográfica que, segundo (GIL, 2010 p.40), “tem como propósito o estudo das pessoas em seu próprio ambiente mediante a utilização de procedimentos como entrevistas em profundidade e observação participante”. De acordo com Erickson (1981) “Para saber mais” em que traz a informação da origem da pesquisa etnográfica:

O termo deriva do verbo grego para escrita e do substantivo grego *ethnos* que se refere a Grupos de pessoas que não foram gregos; por exemplo: Társios, persas e egípcios. A palavra foi inventada no fim do século XIX para caracterizar cientificamente os relatos de narrativa sobre os modos de vida dos povos não ocidentais. Monografias, etnográficas diferiam das descrições em livros que foram escritos por viajantes e que se tornaram populares entre os europeus ocidentais educados com um interesse no exótico (ERICKSON, 1981, p. 3).

A pesquisa qualitativa tem qualificado e analisado em sua potencialidade os aspectos que apresentam fatos da realidade de uma determinada comunidade, revendo as necessidades e simultaneamente, trazendo a participação dos envolvidos no processo de investigação. Além disso, os métodos da coleta de dados são baseados a partir de observações, entrevistas e registros escritos e fotográficos. Tais recursos foram utilizados neste trabalho.

Essa metodologia pode contribuir para investigar e analisar os conhecimentos da colaboradora a partir da oralidade que poderão ficar guardados não só na memória, mas sim como uma fonte de pesquisa que poderá ser trabalhado na escola. E, assim, a pesquisa etnográfica acarreta a pesquisa qualitativa, pois uma está interligada a outra.

A preocupação da etnografia é por uma descrição completa com o foco no comparativo, pois é interessada nos aspectos de significado que gera inferências interpretativas; o relato etnográfico individual é de uma situação particular ou grupo social.

Creswell (2007) ressalta que uma pesquisa qualitativa pode ocorrer em um

cenário natural, e os métodos usados são múltiplos no qual são interativos e humanísticos e que são interpretativos no âmbito em que o pesquisador filtra os dados através de uma lente pessoal, situada em um momento sociopolítico e histórico específico, e a partir de vários eixos condutores, vai deslumbrando fenômenos holisticamente e com raciocínio multifacetado, interativo e simultâneo.

1.1. Contexto de Pesquisa

Para conceituar o que é comunidade, é necessário que falemos primeiro do que é Quilombo.

A historiografia brasileira registra que quilombo é um conceito próprio dos africanos bantos, que vem sendo modificado através dos séculos. Quilombo é um termo banto e quer dizer acampamento guerreiro na floresta. Esses locais se transformaram em verdadeiras comunidades e cidades. Muitas delas foram destruídas, outras, no entanto, permaneceram intactas até o fim do regime de escravidão no Brasil, em 1888 (BAIOCHI, 1999).

Ainda, na perspectiva dessa autora, o maior Quilombo do Brasil resistente até nos dias de hoje é o Kalunga, reconhecido oficialmente em 1991 pelo governo do Estado de Goiás, como Sítio Histórico que abriga o Patrimônio Cultural Kalunga, parte essencial do Patrimônio histórico e cultural brasileiro, localizado na Região Centro Oeste, em Goiás; que sobrevive ainda hoje com poucas mudanças de quando foi iniciado, há mais de duzentos anos. No território Kalunga estão localizados os três municípios: Monte Alegre, Teresina e Cavalcante-GO, onde estão inseridas várias comunidades distantes uma da outra (BAIOCHI, 1999).

A comunidade Kalunga-Riachão está localizada no município de Monte Alegre de Goiás, Riachão é composto por aproximadamente cinquenta e seis famílias. De acordo com Baiochi (1999, p.17), A população que hoje se apresenta não se formou de origem única. Houve, é certo, um processo migratório posterior.

Conforme Baiocchi, em 1984, o governo se deu conta de que o Kalunga existia, mas nada fez para proteger seus moradores, cidadãos brasileiros, dos exploradores e caçadores de fortuna fácil. Hoje, o Kalunga é lugar onde novo e

velho sobrevivem com as consequências por falta de políticas públicas de âmbito formal; como por exemplo: ensino médio, moradia, escola, emprego, transporte, estrada e acesso a equidade social como é de direito de todo ser humano. Tais demandas passam pelas entidades; associações, sindicatos dos trabalhadores do município, INCRA e pela SEPPIR, que buscam solucionar problemas existentes na comunidade. Nesse sentido, as lutas coletivas ainda são fracas, pois os líderes que estão à frente do grupo e das lutas, nem todos têm o consenso de coletividade e igualdade para todos, visa o próprio “umbigo”; isso com certeza impedem o desenvolvimento econômico e social na comunidade e município (BAIOCHI, 1999).

O Quilombo Kalunga é considerado rico em diversidades de culturas e tradições como, por exemplo: dançar e cantar Sussa; os conhecimentos empíricos do modo de vida e da tradição cultural Kalunga: o casamento na fogueira, o uso de remédios caseiros, benzimentos, rezas, parteiras, folias, entre outros. Pode-se observar que esses saberes estão desaparecendo ao longo do tempo. Isso são consequências de influência externa, que está também nos acarretando vários problemas, alguns deles são a indústria cultural e a individualização humana. O que faz distanciar mais ainda da coletividade e dos saberes.

1.2. Dona Procópio: Objeto do Estudo

A pesquisa se realizou com Iaiá Procópio dos Santos Rosa, 82 anos de idade, nascida e criada na comunidade, tem dois filhos, 12 netos e 30 bisnetos; viúva há seis anos, sobreviveu sempre da agricultura de subsistência, hoje é aposentada, mora sozinha próximo dos seus filhos, Leo Fernandes dos Santos. e Domingas dos Santos Fernandes

É importante ressaltar que, essa mulher guerreira não tem uma escolarização no que diz respeito à leitura e à escrita, mas tem uma experiência de vida muito rica, adquirida ao longo de sua existência, possui um grande letramento memorial que está em seu vernáculo e na oralidade.

Vale dizer que, Iaiá Procópio foi uma das primeiras lideranças mulher Kalunga e negra a abrir caminhos na luta com seus companheiros, um exemplo de vida e de luta para os demais moradores, principalmente os jovens. Muito corajosa e sábia, a anciã possui um conhecimento autônomo, com sua visão ampla vai além de sua realidade, e desde sua juventude inseriu na luta coletiva, buscando a equidade social para o local e o seu povo, visando o fortalecimento da coletividade.

1.3. Instrumento da Pesquisa

O instrumento utilizado na pesquisa foi à entrevista com um diálogo aberto que contribui com a análise dados em que trouxemos vários conhecimentos de Iaiá Procópio através de sua história de vida, na oralidade.

Para efetuar este trabalho, para análise e registro de dados, foi realizada entrevista na casa da falante, na comunidade Kalunga Riachão. Os materiais utilizados para essa pesquisa foram à máquina fotográfica, a caneta, o papel e as anotações feitas durante o processo de observação em todos os espaços de aglomeração da falante.

A entrevista foi realizada por meio de gravação de vídeo e narração de caso², onde foi revelando os conhecimentos da anciã a partir da história de vida e memória. A conversa foi tranquila proporcionando um ambiente descontraído, absorvendo os detalhes importantes para a análise dos dados deste trabalho, em busca da interpretação do cotidiano da pessoa aqui observada, compreendendo a sua história narrada e o ambiente no qual está inserida, em que abordaram vários conhecimentos exercidos pela matriarca. A concretude da pesquisa permitiu uma prática ainda mais pertinente para falar em letramento, porque abordou não só a forma da oralidade, mas também como a matriarca vê o mundo e quais suas colocações diante dele. O diálogo foi gravado para garantir uma cópia fiel das transcrições utilizadas na análise de dados.

A realização deste trabalho com a Matriarca surgiu da necessidade e da importância de registrar os conhecimentos que estão presentes somente na

² Uma pequena história passada, narrada, dos mais velhos aos mais novos em suas culturas.

linguagem coloquial dessa pessoa sábia e através da minha mediação como escriba da linguagem escrita, foi possível a produção do mesmo com eficiência e fidelidade.

Esses dois eixos se entrelaçam tornando-se inseparáveis. São o que norteará o trabalho para a análise de dados, e posteriormente as abrangências do letramento crítico que será carregado para toda a vida enquanto cidadão crítico dos problemas e com capacidades de intervir para que o mundo seja menos desigual.

1.4. Objetivo Geral

Registrar, descrever e analisar os conhecimentos de Procópia dos Santos Rosa, Matriarca Kalunga, a partir de sua história de vida, suas memórias, identificando práticas de Letramento Social.

1.4.1. Objetivos Específicos

- ✓ - Apresentar o letramento como prática social da oralidade que se materializa na história de vida de uma pessoa idosa;
- ✓ - Registrar a biografia da Matriarca Kalunga Procópia dos Santos Rosa, identificando e descrevendo práticas de letramento em sua trajetória;
- ✓ - Analisar os eventos e práticas de letramento a partir da situação apresentada na história narrada, examinando as diversas formas de participação do idoso nos contextos apresentados na sua história de vida.

1.5. Pergunta de pesquisa

O que a história de vida e memória de Procópio dos Santos Rosa na Comunidade Kalunga – Riachão Município de Monte Alegre de Goiás revela para a construção de letramento cultural e identitário?

Esse capítulo contextualiza a intenção dessa pesquisa que é o de abordar as práticas de letramento da matriarca Kalunga da comunidade Riachão município de Monte Alegre-GO. E de acordo com os parágrafos anteriores, demonstram que acontecerá uma investigação, e análise entre as práticas de letramento de falas, causos e canções. E como recurso metodológico conta uma pesquisa qualitativa com perspectiva etnográfica.

CAPÍTULO II: ASPECTOS SOCIOHISTÓRICOS DOS KALUNGA

Neste capítulo, abordamos o processo histórico do Território e do povo Kalunga ao longo de sua existência.

A história do povo Kalunga se deu com Processo histórico do Território há mais de duzentos anos. Segundo BAIOCCHI (1999, p. 27), a história dos Kalunga remete-se a 1722 quando Bartolomeu Bueno, o Anhanquera, e João Leite da Silva Ortiz, ao iniciarem a colonização e implantação do ciclo minerador, a Minas dos Goyazes`, desencadeiam de um processo de povoamento. Nesse sentido, a população Kalunga é de etnia negra, originalmente constituída por descendentes de pessoas que foram trazidas para o Brasil na condição de escravos no período colonial. No entanto, os Kalunga vivem no maior território num dos lugares mais bonitos do Brasil, na região da chapada dos veadeiros em Goiás. Conforme BAIOCCHI (1999, p, 24), os Kalunga habitam os 237.000 hectares de vales, rios e montanhas situados às margens direita e esquerda do rio Paraná que, como rio Nilo ou Zaire na África, possibilitou a existência e a formação de povo e de uma cultura singular.

Como foi dito no parágrafo anterior o território é amplo e concentra várias comunidades distantes uma da outra: Contenda, Riachão, Bom Jardim, Curral da Taboca, Sicuri, Areia, São Pedro, Faina, Tinguizal, Vão de Almas, Ribeirão dos Bois Vão do Moleque e outras, que estão dentro dos municípios de Monte Alegre, Terezinha e Cavalcante-GO.

Portanto, o povo Kalunga possui uma identidade própria tem um modelo diferente do saber fazer, principalmente no diz a respeito à tradição cultural e outras práticas de sua realidade, povo sábio e resistente de cultura e muitas crenças.

2.1. História e Cultura dos Kalunga de Riachão

A história e cultura dos moradores Kalunga de Riachão inicia-se com o processo histórico do território lá longe no tempo, há mais de duzentos anos. A comunidade Riachão é originalmente formada por negros, seus ancestrais fugiram do cativeiro e organizaram-se nesse Quilombo que hoje chama Kalunga, na região da chapada dos veadeiros no Norte de Goiás. A comunidade Riachão localiza-se no município de Monte Alegre de Goiás aproximadamente 79 km da sede, onde 39 km são de estrada de chão com difícil acesso, transporte particular. Na comunidade possui energia elétrica, telefone celular por meio de antena, internet via satélite, água encanada vindo da serra, não tem rede de esgoto e nem posto de saúde. Tem uma escola estadual com as séries iniciais de 1º ao 5º e 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Estrada que divide a comunidade Riachão e do acesso outras comunidades, passa em frente à Escola Estadual Kalunga II.



Foto (1). Estrada de acesso à comunidade. Fonte: acervo da autora.

Residem na localidade aproximadamente 56 famílias que sobrevivem da agricultura de subsistência e de benefícios do governo Federal; bolsa família, aposentadoria e, às vezes, sexta básica. Os moradores cultivam o plantio de: mandioca, arroz, abóbora, quiabo, jiló, andu, fava e outros cultivos agrícolas, para o sustento da família. A comunidade tem uma cultura muito rica e diversificada, onde as manifestações artísticas, culturais e lazer integram ao seu cotidiano.

É importante dizer que, os instrumentos artísticos são feitos pelos próprios Kalunga produzem artefato de couros, tecelagem, cerâmica, e arquitetura. Tão importante quanto elas são suas festas, ainda como acontecia nos tempos antigos, às festas são momentos de encontro de famílias, diversão e crenças, onde se apresentam rezas e danças: Sussa, Bolé, Alvorada, levantam mastros, impérios, batizados e os comes e bebes. Os Kalunga têm fortes crenças e são devotos à divindade, prova disso, as rezas, folias, as danças principalmente a Sussa são momentos de agradecimentos aos Santos festejados nas capelas como: Nossa Senhora da Abadia, São João Batista, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora dos Remédios, São Gonçalo, Divino Espírito Santo e outros Santos.

Na comunidade não tem posto de saúde, quando os moradores ficam doentes ou que tem outras necessidades, deslocam até a cidade em busca de socorro, a doença não sendo grave são usados remédios caseiros feitos com as plantas medicinais. Os mais velhos têm conhecimentos em vários tipos de remédios, para vários tipos de doença como; febre, gripe, inflamações, gastrite, úsera, dores de cabeça etc. Esses saberes são adquiridos com os pais que são passados de geração para geração. No entanto, esses conhecimentos culturais dos mais velhos estão se perdendo ao passar do tempo, pois; as tradições, rituais, costumes e práticas nativas e culturais estão somente isolados na memória dos idosos, anciãos apenas, não aprendidos pelos jovens e ainda nem registradas por ninguém.

A cultura está relacionada com aspectos intrínsecos à vida e à reprodução social dos povos da comunidade, como os calendários produtivos, épocas de colheitas e extrações na natureza, migração de peixes, chuvas, secas, alimentação, saúde, e lazer.

CAPITULO III: BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Neste capítulo, fazemos uma breve síntese do contexto histórico da luta e da conquista da educação do campo no Brasil e também trazemos uma exposição sobre a Licenciatura e Educação do Campo (LEdoC), da Universidade de Brasília. Além disso, registramos como ocorreu o próprio letramento da pesquisadora deste trabalho nesse curso.

3.1. Educação Do Campo: concepções teóricas

Educação do Campo apresentam o sentido de um novo significante. Caldart (2004, p. 13) afirma em seus escritos "ser esse o momento do batismo coletivo de um novo jeito de lutar e pensar a educação para o povo brasileiro que vive e trabalha **no e do** campo". E isto vai muito mais além, no sentido de só existir um espaço físico para educação.

Falar em educação não é simplesmente garantir sala de aula e professor para trabalhar com alunos, é necessário ter uma escola viva com os princípios do povo campo, uma educação de qualidade que possa formar cidadãos críticos para ir além da realidade nessa sociedade capitalista, por isso, que no período de mobilização os gritos de ordem sempre presentes.

Segundo Caldart (2012, p.257) a Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade atual, protagonizada pelos trabalhadores do campo e suas organizações que visa incidir sobre a política de Educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. O objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.

No verbete de MOLINA; SÁ (2012, p. 326-333), estão detalhadas várias categorias teóricas que nos ajudam a entender a dimensão da historicidade, os marcos legais, e apresentam propostas e contribuições para a transformação da

Escola Rural, em Escola do Campo, a qual queremos. No entanto, a luta pela terra, aos poucos foi expondo os pontos centrais das pautas dos camponeses no que diz respeito à Educação do Campo e aos direitos humanos.

Para Caldart, o termo “Educação do Campo já não é mais educação rural, ou seja, educação para o meio rural”. Essa proposta nasceu com o propósito de pensar uma concepção de educação para os povos do campo. Sendo um processo de construção pensado e gestado com a participação dos camponeses e com a experiência da trajetória histórica das lutas e de suas respectivas organizações. Aos poucos, a Educação do Campo vem avançando nas lutas dos camponeses através dos movimentos sociais, os direitos de igualdade estão sendo alcançados e cada vez mais estimulando interesses de lutas em prol da equidade social.

3.2. Movimentos Sociais e Educação do Campo

Os Movimentos Sociais e Educação do Campo desde início da luta ambos estão interligados, pois através dos movimentos surge a Educação do e no Campo, com uma proposta de atender as especificidades do povo do campo no seu meio de vivência na qual está inserido.

A história da educação rural no Brasil sempre foi de negação de direito aos agricultores, por parte das ações e das políticas governamentais. Porém, constata-se, sobretudo nas três últimas décadas do século XX, uma movimentação e organização por parte das organizações e entidades dos agricultores, por uma educação que favoreça e valorize os povos do campo. Estas lutas fazem parte do conjunto de iniciativas e ações contra a concentração da terra, do poder e do saber (QUEIRÓZ, 2004). Portanto, Movimentos Sociais e Educação do Campo sempre estão num só caminho de luta fazendo o mesmo trajeto com os objetivos iguais, porque os Movimentos Sociais equilibram e agem dentro da Educação do Campo mediante concepção dos direitos humanos que estão garantidos por lei na Constituição brasileira.

3.3. A luta dos movimentos sociais por Educação do Campo

O processo histórico pela conquista da Educação do Campo em nosso país surge por meio de mobilizações dos Movimentos Sociais, que lutam incansavelmente. Entre esses movimentos, destacam-se o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que traz como exemplo para sociedade a resistência e persistência em mostrar que a possibilidade de garantir a vida para aqueles que acreditam na luta social.

As lutas de movimentos sociais surgiram visando garantir os direitos humanos e organizações dos povos do campo. Em 1997, aconteceu o I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária e em 1998 a I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo. Entidades do porte da CNBB, do UNICEF, da UnB, da UNESCO e do MST lideraram a mobilização a favor da Educação Básica do Campo e conseguiram sensibilizar importantes setores da sociedade brasileira.

É importante ressaltar que a Educação do Campo tem se constituído como instrumento relevante nas comunidades do território Kalunga, às vezes, tem sido definida por proposta de educação que no processo histórico tem norteado para caminhos evolutivos, inovadores; uma educação que se desenvolveu acompanhando a trajetória histórica e trouxe avanços à comunidade principalmente na área de pesquisa, responsável pela inovação tecnológica para o território e na formação de professores e gestores. Na comunidade inovou: na formação de educadores pesquisadores, no acesso ao ensino superior, aumento de ingresso no vestibular Ledoc, na qualidade de formação dos estudantes, e condições de permanência no campo. Mas, os que têm usufruído desses avanços são poucas pessoas que já conseguiram concluir o ensino médio e prestaram o vestibular. Enquanto a outros são negados à educação, igualdade social, que está garantido na constituição brasileira os direitos de todos os cidadãos.

É nesse sentido, que possibilita uma ótica na proposta de Educação que atenda à comunidade com um currículo que abrange a questão da cultura local, assim como o curso de Licenciatura em Educação do Campo que traz os conhecimentos científicos e também valoriza os conhecimentos empíricos dos educandos. A formação humana é todo o processo educativo que possibilita ao

sujeito se constituir enquanto ser social responsável e livre capaz de refletir sobre sua atividade, capaz de ver e corrigir os erros, capaz de cooperar e de relacionar-se eticamente, porque não desaparece nas suas relações como o outro, portanto, a educação como formação humana e também uma ação cultural. E por meio de ações coletiva, estudos e reflexões de como agir na prática nessa sociedade capitalista que a gente quer transformar, todos têm de trabalhar com o mesmo objetivo. Devemos ter autonomia e organização para enfrentar esse mundo onde há ordem e desordem, sair da aparência e buscar a essência do mundo real.

3.4. A inserção da pesquisadora contexto da educação do campo

Fruto desta luta, o curso de Licenciatura em Educação do Campo-LEDOC é mais um instrumento na busca de uma educação de qualidade voltada aos povos do campo. Minha inserção neste contexto se deu após uma longa trajetória de vida no Quilombo Kalunga e na cidade para concluir o ensino médio. De 1 ao 4º ano, cursei na comunidade. Aos meus doze anos, fui para cidade de Campos Belos cursar a 5º série. Lá, cursei até o 1º ano do ensino médio.

Aos dezoito anos, fui para Brasília, trabalhar de doméstica e estudar, consegui terminar o 3º ano, do ensino médio, à época, o científico. Após concluir o ensino médio, conheci meu esposo Wilian e lá fiquei mais um ano, tentando encontrar um emprego melhor e me estruturar, mas não consegui. Voltei para minha comunidade que é meu sonho, com muita luta minha e da minha família consegui uma vaga para trabalhar na Rede Estadual de Educação com crianças de 1º ao 5º ano, do ensino fundamental. Mas, meu sonho não estava completamente realizado, faltava a minha qualificação profissional para garantia de permanência na minha comunidade Natal.

Sempre pensei em um curso superior e em concurso estadual ou municipal para minha efetivação na educação e permanência na comunidade Kalunga. Atualmente, moro na comunidade com minha família e ministro aula do 6º ao 9º ano, do ensino fundamental, de contrato temporário. Em busca de minha qualificação profissional e afetiva, em 2007, prestei vestibular na UFT –

Universidade Federal de Tocantins, para o curso de Pedagogia a Distância, com 4 anos de duração, sem condição financeira e grávida do meu primeiro filho Uriel, desisti do curso .

Em 2009, através do professor Rosolino Neto (conhecido por Netinho) eu e outros 22 colegas fomos informados sobre o curso de Educação do Campo, na Universidade de Brasília- UnB. Cheia de esperança, fiz a inscrição e consegui ingressar na 2º chamada na qual formou a Turma 4, Panteras Negras. Com formação dividida em duas áreas do conhecimento: Linguagens e Ciências da Natureza. Após quatro anos, com muita força de vontade, estou concluindo essa graduação com habilitação na área de Linguagens.

Na verdade, esse curso me proporcionou o letramento acadêmico, profissional, ampliando e fortalecendo meus conhecimentos, a ponto de me transformar em uma pesquisadora iniciante. E com esse letramento, pude pesquisar a minha realidade social, tornando-me escriba da voz de uma pessoa idosa que traz em sua memória a história da comunidade Kalunga Riachão, como mostramos no próximo capítulo.

CAPITULO IV: BASE TEÓRICA: SOCIOLINGUÍSTICA, LETRAMENTO, HISTÓRICA DE VIDA E MEMÓRIA

Neste capítulo, abordamos a fundamentação teórica à luz da Sociolinguística, trazendo conceitos de letramento a partir da história de vida e memória.

4.1. Sociolinguística

A Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, quando muitos cientistas da linguagem decidiram que não era mais possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade. Bagno (2007, p. 26), cita William Labov (1966) como responsável por impulsionar a realização desta perspectiva de língua e sociedade, defendendo que “a Sociolinguística é uma corrente da Linguística assumindo diversas formas de compreender a língua, dizendo que ela é social e que jamais pode pesquisá-la, colocando-a a margem do seu sujeito falante”.

A Sociolinguística visa à variação, à interação e ao estudo do comportamento da pessoa na perspectiva da integração do indivíduo no seu meio social e, principalmente a identidade linguística no que diz respeito à variedade do falante. Ela faz uso da língua dentro de uma cultura, no espaço social e sua identidade, trabalhando com os conhecimentos de outras áreas e estabelecendo uma variedade multidisciplinar.

Com efeito, a sociolinguística é uma forma de comunicação que ocorre através da língua em uma determinada organização social, em uma época específica ao longo da história. É preciso perceber e compreender que todos nós fazemos parte dessa corrente sociolinguística, pois somos sujeitos falantes, com peculiaridades distintas, variando de região para região.

A partir da compreensão da existência da Sociolinguística, percebemos que as comunidades do campo são formadas por diversas culturas, oriundas de diferentes regiões do país, que migram em busca de melhores condições de vida,

formando novas áreas de assentamentos, sem contar com a existência de comunidades tradicionais que há muito tempo resistem em seus territórios.

Desse modo, as diversidades culturais encontradas nessas comunidades são de inúmeras riquezas, seja no falar, nos modos de vestir, em seus costumes, suas crenças, seus cantares, suas danças, culinárias etc.

Na sociedade, encontramos pessoas com habilidades e práticas de letramento variadas e no mundo da linguagem coloquial e escrita não é diferente. Afinal, o ser humano enfrenta os desafios de como processar o conhecimento adquirido em seu cotidiano, ao mesmo tempo em que assimila e dissemina aquilo que acha importante, da maneira que mais lhe parece conveniente.

Para compreender a Sociolinguística, é preciso perceber várias discussões elencadas na perspectiva de diversos teóricos a respeito da língua e suas especificidades. Sobretudo, diante dos fenômenos que permeiam a língua com seus significados inerentes da oralidade, em diferentes contextos e mediante os fenômenos fonético-fonológicos, morfossintáticos, semânticos, lexicais e pragmático surgindo, então, os estudos da língua e sociedade conforme veremos adiante.

Em síntese, o conceito de variedade linguística para a Sociolinguística é de extrema importância, desde que o termo tem passado por vários estudos e é classificado por ``modos de falar`` de uma língua de um determinado povo. Esses diferentes modos de fala oral são chamados de linguagem coloquial, ou seja, esta é a maneira de se comunicar nas famílias e com as pessoas do lugar de vivência. Ademais, estão veiculados com os fatores sociais e culturais, por exemplo, o contexto de vida e a origem de cada povo, a localidade onde se insere tudo isso interfere no vernáculo das pessoas, desde as crianças, os jovens, adultos e idosos.

As variedades linguísticas, segundo Bagno (2007), são assim classificadas:

- a) **Socioleto**: variedade linguística própria de um grupo de falantes que compartilham as mesmas características socioculturais;
- b) **cronoleto**: que designa a variedade própria de determinada faixa etária;
- c) **idioleto**: assinala o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir sentenças, etc.,
- e) **dialeto**:

termo usado para designar o modo característico de uso da língua num determinado lugar, região, província, etc.

4.1.1. Oralidade e Sociolinguística

A oralidade está na linguagem vernacular de cada sujeito. É o meio de nos relacionar e nos comunicar uns com os outros na sociedade que vivemos, a partir das necessidades humanas. A Sociolinguística trata da linguagem coloquial que está na fala e da língua padrão que prevalece na escrita.

Dessa forma, Sociolinguística e letramento caminham juntos, pois nos estudos realizados acerca dessas duas categorias conceituais ambos são mencionados.

Para Bagno (2007, p. 36), a língua na concepção dos sociolinguístas, é “intrinsecamente heterogênea, múltipla, instável e está sempre em desconstrução e em construção”. O autor acrescenta que a língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, sempre que eles interagem por meio da fala. No entanto, a variação ocorre em todos os níveis da língua. No mundo da linguagem existem muitas maneiras de pronunciar diferentes palavras em situação de uso por meio da oralidade.

Para entendermos melhor como isso acontece, temos os exemplos dos níveis de variação da língua classificados pela Sociolinguística. Sendo assim Bagno (2007, p. 39 - 40), apresenta os conceitos e os exemplos de cada um dos níveis que nos ajudam a compreender melhor a fala e a escrita.

Sousa e Vellasco (2007) citam que o fenômeno da variação ocorre em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo mais perceptível na pronúncia e no vocabulário e se torna mais complexo porque os níveis não se apresentam de maneira estanque, eles se superpõem.

Na sociedade em geral, encontramos pessoas com habilidades linguísticas variadas, e em relação à linguagem falada e escrita, não é diferente. Afinal, o ser humano passa por processos desafiantes em relação ao processamento do conhecimento adquirido em seu cotidiano, e a assimilação e disseminação daquilo que acha importante, ocorre da maneira que mais lhe parece conveniente.

Para análise dessa realidade, identificamos essa variação na fala de Iaiá Procópio, que não tem escolarização da leitura e escrita, mas tem um conhecimento acumulado na sua experiência de vida, como veremos a seguir.

Excerto 1.

73. Ieu num sei lê i nem escrevê ,a litura minha foi a que Deus me deu na 74. Minha ideia essa Deus me deu i essa Deus num deixa cabá; praquê ieu 75. tem coragem di pedir u que te necessidade... Num vou falá coisa di mentira i 76. nem contar vantagem ... Queru ir na paz i união di bom coração.

No entanto, ela revela que não sabe ler e nem escrever, mas tem argumentos e competências políticas para enfrentar esse mundo da escrita. Não basta só saber ler e escrever, mas sim saber se posicionar diante de nossa realidade, como é o exemplo de Iaiá, tem os conhecimentos organizados somente na memória e consegue realizar o discurso político, se posiciona com sua visão de mundo fazendo uso da palavramundo, como diz Freire (1997, p. 11).

A variação linguística “se manifesta em todos os níveis de funcionamento da linguagem” (SOUSA e VELLASCO, 2007, p. 56). No entanto, em um país como o Brasil, mesmo tendo uma única língua registrada na Constituição Brasileira, ela não é usada da mesma forma por todos os falantes. Encontramos diferenças fonológicas, morfosintáticas e semânticas nas diversas regiões. Isso ocorre devido à extensão territorial do país. Por outro lado, sabemos que temos cerca de 199 línguas indígenas faladas no Brasil, sem contar mais ou menos outras 30 línguas faladas pelos imigrantes e seus descendentes (ALMEIDA 2014).

Desse modo, a variação linguística acontece de acordo o contexto social do falante e como vemos no vernáculo dos moradores do Kalunga, está enraizada na língua materna. A partir da compreensão da existência da Sociolinguística, percebemos que as comunidades do campo são constituídas por diversidades culturais, originadas de diferentes regiões do mundo, que migraram em busca de melhores condições de vida, formando novas áreas de habitação, sem contar com a existência de comunidades tradicionais que há muito tempo resistem no território como é caso da comunidade quilombola Kalunga.

4.2. Letramento

O termo Letramento no Brasil tem sua origem em meados da década de 1980, quando foi mencionado que a alfabetização e letramento necessariamente precisavam andar juntos. Nesse período, o letramento começou a fazer parte do léxico da educação e também da sociolinguística, conforme Sousa (2006). O letramento não é simplesmente aquilo que diz respeito à leitura e à escrita, mas também no contexto social, pois isso indica que há várias tipologias, ou seja, letramentos, inseridos na sociedade.

O conceito de letramento está enraizado na alfabetização e frequentemente são confundidos. Kleiman (2005), afirma que o letramento não é alfabetização, mas a inclui. Em outras palavras, letramento e alfabetização estão associados. Ademais, é preciso fazer uma boa interpretação e entender bem o significado do termo letramento. Letrado então não é mais só “aquele que é versado em letras ou literaturas”, e sim “aquele que além de dominar a leitura e a escrita, faz uso competente e frequente de ambas” (KLEIMAN, 2005, p. 11).

Segundo Kato (1986), os estudos sobre letramento no Brasil ainda estão no começo da etapa, pois apesar de ser alvo de várias pesquisas, o conceito de letramento ainda não foi incluído em todos os dicionários, nem na linguagem da mídia, porque só recentemente conquistou admiradores no país.

Segundo Kleiman (2005), o conceito de letramento, nas escolas brasileiras, começou a ser usado numa tentativa de superar os estudos sobre o impacto social da escrita. Sendo assim, a autora destaca as competências de habilidades individuais adquiridas em sua vivência, pois o ser humano possui grande capacidade de desenvoltura e ampliação cognitiva. Afinal, as práticas de letramento vão se constituindo juntamente com a evolução humana, suprimindo as necessidades e as exigências da sociedade.

Nesse sentido, letramento é o conjunto de práticas sociais adquiridas na vivência do sujeito, nas quais, destaca-se a competência individual no uso da escrita. No entanto, o analfabeto organiza reflexivamente seu pensamento e desenvolve sua consciência crítica capaz de introduzir no processo real de democratização cultural e de liberdade. O sujeito letrado (mas que não saber ler e escrever) tem uma visão de mundo que vai além da realidade, vendo-o com um

olhar crítico. Então, o letramento se torna, nesse contexto, uma “questão de vida” (BOZZA, 2005, p. 249).

Com efeito, letramento é a prática discursiva letrada de um determinado grupo social ou de uma pessoa, que está relacionada à escrita, mas com as práticas de interação oral, sem precisar envolver necessariamente as atividades específicas de ler e escrever. A oralidade começa a ter as características de letramento ou oralidade letrada, a partir das vivências humanas. Essas práticas orais vão se constituindo e acumulando na memória do sujeito a partir da relação que estabelece com outras pessoas.

De acordo com Freire (1991, p. 68) a leitura, na medida em que possibilita uma visão crítica da realidade, constitui-se como importante instrumento de resgate da cidadania, reforçando o engajamento do cidadão nos movimentos sociais de luta pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social. Nessa perspectiva, é importante refletir acerca da educação popular, porque essa educação valoriza não apenas os povos mais prestigiados, mas contribui para que todos possam ter uma visão crítica, principalmente, em seu contexto social. Sendo assim, Freire (1991) coloca em evidência a importância do ato de ler, de ler o mundo antes de ler a palavra.

Nesse sentido, não basta saber ler e escrever, mas antes é preciso ir além da aparência, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele afirma Freire (1991). Para Rojo (2009), os letramentos se articulam em vários contextos sociais, com definições de várias ideologias dessa prática.

4.2.1. Letramento como Prática Social da Escrita

A cultura e os costumes de uma sociedade também devem ser considerados como práticas de letramento, pois tanto quanto a escolarização é importante que, em uma determinada cultura, os ritos sociais sejam valorizados. Afinal, ali está o letramento, evidenciado na transmissão dos ensinamentos

tradicionais. Como exemplo, podemos destacar a cultura e rituais das comunidades quilombola Kalunga.

Práticas de letramentos são atividades humanas concretas que envolvem não somente aquilo que as pessoas fazem, mas seu fazer a partir do que sabem e do que pensam sobre o que fazem. Também é levado em conta como essas pessoas “constroem” o valor e a ideologia que permeiam esse acontecimento e que estão implícitos a essas ações.

Assim, o letramento é como cultura constituída de práticas sociais em que as pessoas se valem de textos escritos para registrar suas memórias, os quais vão expandindo e reinventando o conhecimento em todas as dimensões históricas, científicas e sociais. A definição de Kleiman (1995) esclarece de forma abrangente, ou seja, que o letramento é o conjunto de práticas sociais que acompanham o indivíduo durante toda sua vida, pois constitui um processo experiencial contínuo, realizáveis na esfera escolar e também fora dela.

As práticas de letramentos também são formas culturais, são produções sociais na qual se interagem a leitura e a escrita, o indivíduo não possui a tecnologia da decodificação dos signos, mas ele possui certo grau de letramento devido à sua experiência de vida em uma sociedade que é atravessada pela escrita, logo esta pessoa é letrada, porém não com plenitude.

Vivemos numa sociedade dominada pela leitura e escrita, onde as pessoas se relacionam se comunicam umas com as outras por meio da linguagem oral. Mesmo aqueles que não dominam a leitura e escrita social na qual circulam a leitura e a escrita. Conseguem organizar e expor suas ideias com clareza possui uma grande memória, capta e guarda algo valioso, e por meio dos sentidos, visão e audição se comunica explorando a oralidade. Apesar do predomínio das novas tecnologias de comunicação/informação via *internet*, *twitter*, *facebook*, e outros as não pessoas escolarizadas adquirem suas práticas sociais e habilidades para superar as suas necessidades tanto individuais e quanto coletiva, construindo identidades próprias em escala global.

Vale enfatizar que, a oralidade é uma forma de produção e reprodução do saber, são formas de domínios culturais que desempenham um papel marcante na transmissão do saber no contexto das sociedades pós-modernas, e na forma

como as sociedades constroem a sua memória coletiva e se reproduzem socialmente.

Outra observação relevante é feita por Soares (2010), quando argumenta acerca de uma versão fraca e de uma versão forte do conceito de letramento. Para ela, a versão fraca estaria ligada a mecanismos de adaptação da população às necessidades e exigências sociais do uso da leitura e da escrita, para funcionar dentro de uma sociedade.

É uma visão que está ligada ao conceito de analfabetismo funcional, ou seja, pessoas que não sabem fazer o uso correto da leitura e da escrita dentro de uma sociedade de maneira adequada. Já a versão forte de letramento, estaria mais próxima ao enfoque ideológico e à visão freiriana de alfabetização. Esta versão forte seria revolucionária e crítica, na medida em que colaboraria não para a adaptação do cidadão às exigências sociais, mas sim para o resgate da autoestima na construção de uma identidade forte e para a valorização de sua cultura.

Ainda de acordo com Soares (2010), o letramento tem duas dimensões: a individual e a social. Quando o foco é posto na dimensão individual, o letramento é visto como um atributo pessoal, referindo-se à simples posse individual das tecnologias mentais complementares de ler e escrever.

Já quando o foco se desloca para a dimensão social, o letramento é visto como um fenômeno cultural, um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita, e de exigências sociais de uso da escrita. Na maioria das definições atuais de letramento, uma ou outra dessas duas dimensões é priorizada, pois a ênfase é dada ou às habilidades individuais de ler e escrever ou aos usos, funções e propósitos da língua escrita no contexto social.

Seja qual for à dimensão, ainda é preciso considerar a complexidade e a natureza desigual dessas duas dimensões do letramento. Não devemos tentar considerar o letramento como uma característica que a pessoa tem ou não tem. Antes temos que tentar identificar a prática real das habilidades exercidas da pessoa que envolve a leitura e a escrita, bem como, a frequência dos usos sociais dessas habilidades. Portanto, o letramento é uma prática social na qual vai materializando a vida humana ao longo do tempo.

4.3. História de vida

O método de História de Vida ressalta o momento histórico vivido pelo sujeito que narra a própria história através do relato individual, resgatando na sua memória, as relações sociais vividas em sua trajetória histórica ao longo de sua existência. As histórias de vida cruzadas procedem através da acumulação de registros (POIRIER et al, 1995). Isso quer dizer que a investigação não se centra num percurso biográfico particular, mas pelo contrário, o material de estudo é constituído pela acumulação das histórias coletivas, ou seja, é a interligação de vida individual às histórias de vida do contexto de vivência e às relações sociais.

Em síntese, a história de vida é um meio de investigação que valoriza os registros de conhecimentos acumulados na memória. É, pois, um momento em que a pessoa, com suas lembranças, expressa também seus sentimentos.

Nesse sentido, passamos a relatar a história de vida de Procópio dos Santos Rosa. Essa anciã, com idade 82 anos, mora comunidade Kalunga do município de Monte Alegre de Goiás, local também onde nasceu. Ainda criança, seus pais se separaram e ela foi criada com a sua mãe. Após a morte de sua mãe, ela teve sua primeira filha Domingas dos Santos Fernandes, ainda quando era solteira.

A partir de então, ela foi morar com sua tia Ana Maia, e seis meses depois, ela conheceu Salustriano Ferreira das Virgens, pai do seu segundo filho Leo Fernandes dos Santos, com quem viveu durante 57 anos.

Atualmente lá já Procópio mora próximo dos filhos e dos netos, e é muito querida por todos. É considerada pela maioria dos moradores da comunidade uma mãe, sendo mesmo chamada de “Mãe Procópio”. É uma pessoa muito bondosa e procura sempre construir uma relação de harmonia e união com os moradores e vizinhos.



Foto (2): Casa de laiá Procóbia (acervo da autora).

Esta é a casa onde laiá Procóbia mora atualmente, com seu quintal espaçoso cheio de plantas e muitas frutas.

4.4. Memória

Segundo Cruz (1993), a memória pode ser entendida como processos sociais e históricos de expressões, de narrativas e de acontecimentos marcantes, bem como de coisas vividas, que legitimam, reforçam e reproduzem a identidade do grupo.

Cada grupo social ou pessoa constrói e reproduz a sua identidade através do apego constante ao seu passado, que envolve aspectos mitológicos, históricos e, principalmente, simbólico-religioso. A identidade é um processo de assimilação envolvendo pessoas ou grupos, que se manifesta de forma interativa, no âmbito das relações cotidianas, sendo que os aspectos simbólicos, isto é, culturais, são partes constitutivas dessa identidade.

Nesse sentido, a memória é uma herança do passado que se refere não apenas à vida física da pessoa, mas também à memória coletiva. Discorrendo sobre o assunto, Bosi (1995, p. 55), afirma que “na maior parte das vezes,

lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. A autora adverte que, ao recuperarmos o passado, ao reconstruirmos nossas memórias, estamos também projetando nosso futuro e alterando nosso presente. Além disso, ressalta ela, que esse processo requer mobilização de diversas naturezas do sujeito que recorda.

Com efeito, existem diferentes elementos da memória, bem como os fenômenos de projeção e transferência que podem ocorrer individual ou coletivamente, mas nem tudo fica gravado ou registrado. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. Pode-se dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente. Quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica⁴ muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.

⁴ É o estudo descritivo de um conjunto de fenômeno, tais como se manifestam no tempo ou no espaço.

CAPITULO V: REVELANDO A HISTÓRIA DE VIDA DE IAIA PROCÓPIA A PARTIR DA ORALIDADE PARA O LETRAMENTO

Neste capítulo revelamos a história de vida de Iaiá Procópia a partir da oralidade. As análises que estão contidas nesta parte se fundamentam no arcabouço teórico da Sociolinguística, Letramento, História de Vida e Memória.

5.1. Biografia de uma guerreira



Foto (3). Procópia dos Santos Rosa. (Acervo da autora).

Procópia dos Santos Rosa, Iaiá Procópia, nasceu em 10 de Fevereiro de 1933, na comunidade Kalunga Riachão, município de Monte Alegre, Goiás, onde reside até os dias atuais.

Líder da comunidade Kalunga onde vive, foi uma das primeiras mulheres negras a lutar em prol do desenvolvimento da comunidade, visando à equidade social para o nosso povo e o fortalecimento da coletividade. Sempre atenta aos

interesses de todos, sempre está em contato com as autoridades públicas na tentativa de ampliar os direitos humanos.

Rezadeira tem conhecimento em partos, remédios caseiros e outras práticas da cultura Kalunga. É uma anciã de memória ampla e viva, muito sábia, que procura sempre participar de encontros, reuniões, audiências e outros eventos que estão ao seu alcance dando as suas contribuições. A foto abaixo apresenta Iaiá Procópia em ação, num evento na cidade de Monte Alegre.



Foto (4). Iaiá Procópia em evento público dia 23 de Maio de 2014 no Primeiro Encontro da Juventude do Território da Cidadania Chapada dos Veadeiros em Monte Alegre, GO. (acervo da autora).

5.2. Tradição E Oralidade: eventos e práticas de Letramento a partir da história narrada por Iaiá Procópia

Na vida cotidiana, eventos e práticas de letramento surgem em circunstâncias de vida social ou profissional, respondendo às necessidades ou interesses pessoais ou grupais, vividos e interpretados de forma natural, até mesmo espontânea, ou seja, trata dos usos da leitura e da escrita em contextos

muito próximos e reais como, por exemplo, o trabalho, a rotina do dia a dia, a vida burocrática, as atividades intelectuais, etc.

Essa agência de letramento é que possibilita os diferentes usos da leitura e da escrita como prática do letramento, fazendo com que as pessoas fiquem envolvidas de maneira natural e, muitas vezes, inconscientes dessas práticas. Assim, acreditamos que a narrativa torna-se um instrumento fundamental para fornecer dados para a formação das identidades das famílias camponesas, a partir das histórias contadas nos seios familiares, ou nos momentos de trabalho coletivo, perpetuando os costumes e a cultura camponesa.

Historicamente, as narrativas surgiam nas rodas de trabalhos manuais e são tratadas por Benjamin (1987) como modos artesanais de comunicação, pois havia uma forma rebuscada na maneira de lembrar e expressar os acontecimentos que mereciam relevância, a ponto de serem transmitidos nas relações sociais. Benjamin observa ainda, que o fato de recontar a história depende da vontade de quem a está ouvindo.

Por isso, a importância de transmitir esse hábito para crianças e jovens. De acordo com Benjamin,

O grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais. Contudo, assim como essas camadas abrangem o estrato camponês, e urbano, nos múltiplos estágios do seu desenvolvimento econômico e técnico, assim também se estratificam de múltiplas maneiras os conceitos em que o acervo de experiências dessas camadas se manifesta para nós (BENJAMIN, 1987, p. 214).

Nesse sentido, evento de letramento se configura como uma ocasião em que a fala se organiza ao redor de qualquer texto escrito, envolvendo sua compreensão e inclui características da vida social, por exemplo, discutir uma notícia do jornal com alguém (KLEIMAN, 2005, p.23).

Soares (2004, p.105) concorda com Kleiman a respeito dos conceitos de eventos e práticas de letramento. Porém, a distinção entre ambas, é exclusivamente metodológica, mas interligadas, sendo que, o uso do conceito de práticas de letramento é que permite a interpretação dos eventos. Soares mostra

ainda, a diferença entre eventos e práticas de letramento escolar e eventos e práticas de letramento sociais.

Nesse sentido, explica que na escola, eventos e práticas de letramento, são planejados e instituídos, selecionando critérios pedagógicos, com objetivos pré-determinados, visando à aprendizagem e quase sempre conduzindo a atividade de avaliação, e sendo assim, a escola de certa forma manipula as atividades de leitura e de escrita em relação aos seus usos sociais, criando seus próprios e peculiares eventos e práticas de letramento.

O processo de transcrição dos conhecimentos orais para as práticas escritas são mediados por meio de uma pessoa que domina a leitura e a escrita, como está acontecendo neste trabalho, eu Lourdes enquanto escriba da linguagem escrita fazendo um procedimento de mediação e registrando esses conhecimentos que estão somente na oralidade. Considerando a Sociolinguística, as análises de dados foram transcritas na íntegra a partir da voz de Iaiá Procópio, na tentativa de manter a total fidelidade da narrativa, e não fugir do foco da memória.

5.3. Os eventos de Letramentos e as diversas formas de participação de Iaiá Procópio na realidade Kalunga Riachão

Os eventos de letramento na comunidade Kalunga, acontecem com a interação entre os moradores, idosos, jovens e crianças, num espaço onde todos vivenciam e se relacionam com diversas práticas. No entanto, há várias formas de participação do idoso na realidade Kalunga, desde cultura, modo de vida, costumes, crenças, plantio, colheita, ou seja, os conhecimentos empíricos. Entretanto, eventos de letramentos são práticas aprendidas e exercidas ao longo da vida por meio do discurso da linguagem oral. No entanto, são práticas que se repetem cronologicamente, mediadas pela cultura local, no caso do povo Kalunga, podem ser consideradas como múltiplos letramentos que ocorrem um contexto de social.

Nesse sentido, um exemplo de evento de letramento identificada em Iaiá Procópio, é sua participação efetiva no cotidiano da comunidade, envolvendo

festas, rezas, sussa, canções, danças, crenças, etc. Esses eventos são de suma importância para nós, Kalunga, uma vez que podemos agradecer e louvar à Divindade que nos traz bênçãos e prosperidade. As rezas são momentos de louvar o santo exposto no altar, conforme podemos constatar na imagem a seguir, que apresenta em um arremate da folia do Divino Espírito Santo, quando os mais velhos se posicionam em frente ao chamado altar, espécie de casinha onde fica o santo festejado, reunindo os donos da casa e também outros moradores presentes, que fazem a louvação, ou seja, realizam a primeira para poder a festa.



Foto (5). Reza de altar: divino espírito santo. (acervo da autora).

Segundo Iaiá Procóbia, esse evento acontece assim:

Excerto 2:

Primeru faz u nome du pai. du espíritu santu amém... Começa a reza...
Divinu espíritu hoje veiu lhe visitá também veiu pidindu esmola para repartí cum us
fi na maior necessidade.
Na maior necessidade di doministru dão cristu tome pra sê abradu
nu .fogu da mãe divinu...
.Divinu Espíritu Santu.
.Divinu consoladô consola as nossas aima quando esse mundu fô.
.I cum muita alegria us anjus vai nus levá nus pés da virgem Maria.

Nas transcrições da fala, está presente a variação fonético-fonológica que é caracterizada pelas diversas formas que uma palavra é pronunciada, seja pelo acréscimo, decréscimo ou substituição dos fonemas. Em relação à fala de Iaiá Procópio, utilizamos gravações em áudio, conforme podemos perceber nas linhas acima. Portanto, essas falas são vernáculo materno muito presente na comunidade.

Após a reza, é o momento de dançar a sussa em agradecimento ao Santo festejado, com a participação de homens e mulheres, conforme a foto 5.



Foto (6). Dança da Sussa. (acervo da autora).

A dança da sussa é um evento que transcorre mediante uma música. Para melhor entendimento, trazemos a letra de duas músicas cantadas neste festejo. Esclarecemos que essa prática cultural são diversas as músicas que podem ser cantadas.

Excerto 3: Músicas da sussa: Boi Baiano e Sucupira Fulô Roxa

Da Baía mandei vim. Fala meu boi baiano. Num demorar chegar. Fala meu boi baiano uma barquinha de ouro. Fala meu boi baiano. Pro meu amor passear. Fala meu boi baianá. Sucupira fulô. Fala meu boi baiano. Cravo de boa esperança. Fala meu boi baiano. U homem que eu tanto amava. Fala meu boi baiano. Mandou muita lembrança fala meu boi baianá.



Foto (7). Cantando e dançando da Sussa. (acervo da autora).

5.3.1. Assim falou laiá Procópia...

Apresentamos nessa subseção um pouco dos conhecimentos de laiá Procópia, transmitido através da oralidade, narrando a sua história de vida em um contexto social específico, revelando seus conhecimentos por meio da oralidade que se torna práticas de letramento adquirido ao longo de sua existência agora, principalmente, com este trabalho de escrita realizado por esta pesquisadora iniciante. A transcrição de sua fala possibilitou a análise de dados. Nessa primeira transcrição laiá conta sua história vida e da família

Excerto 4: Transcrição 1

1. Ieu sô Procópia du Santu Rosa. Fui nascida e criada aqui.
2. Tô cum 82 anus minha vó e minha mãe tudu foi nascida e criada aqui.

3.Minha vó morreu com 90 anos e minha mãe morreu nova.

4.Quandu minha mãe morreu.Eu tava cum minha primeira menina na

5.mão.Minha menina tá cum 60 anos.Tá cum anos que minha mãe morreu.

6.leu e meus fi.nasceu aqui.Meus netus nasceu aqui tudu juntu comigu.Meus netus e meus fi tudu me adora.

7.Nois são muito sofrido.Pra nois sobreviver criar nossu fi nossu netu as coisa

8.tudu era na roça era homo e mué era fiando tecendo pra fazer roupa pro fis .

9.Nois não tinha cundição de nada.Num cunhicia cidade nois veio cunhecer

10.cidade depois da Antropolga dona Meire Baiocchi que ela veio aqui muitos

11.ficô cum medo dela praquê num cunhicia pessoa de fora .ela me chamou

12.acunpanhei ela iaí nois foi de um a um com ela lá em Goiana pra ir

13.recunhecendo.Foi ieu e a Santina cum ela.Fiquemus vinte dia lá sem saber u

14.que nois tava fazendo e ela representou nois u Brasil e todú mundu tinha

15.boa vontade de vim cunhecer nois aqui.

16.Quandu vinha outra pessoa aqui cum medu de nois num aceitar falava que

17.era dona Meire que tinha mandado e causo talvez nem ela sabia.E dela foi

18.nois arrumemus as terras e us documentus dus vei (pausa esquecimento e

19.pergunta da entrevistada)...Cumé que chama quando a pessoa morre

20.?...Fazer u levantamento das terras.

21.Eis viere trouxe o Incra pegou u nome pegou u documentu da terra arrumou

22.tudu pra nois.Cada um de nois tirou u Incra da terra e nois num tinha

23.registo ela mandou u povu ir nu pé da serra pra tirar u registu tudu mundu ,e

24.leu nessa épa eu tava cum a perna quebrada peguei meu nome dei meu

25.fi quem me registô foi meu fi.

26.Us mais veiu daqui que morreu num tinha documentus.nois documentemos

27.tudu.das terras arrumemus us documentus das pessoas que num tinha e

28.daí nois foi caminhando pra Goiana caminhando pra Brasila foi lá nu

29.guvernadô duas vez pidir u guvernadô ajuda e contar que nois era da roça

30.criou us fi na roça e fiando aí contei u guvernadô ...Depois eis viere aqui foi

31.a primeira vez que o avião sentou aqui.Crenon que era u prefeitu nessa épa

32.ele Crenon veiu e entregou as coisa pra nois.

33.Veiu uma enchente e acabou cum tudu aí depois disse eis mandaram me

34.chamar lá em Goiana ieu fui lá no governador juntu cum Crenon meu fi Lió
35.dona Meire fomos reclamar pro governador u quê nois necessitava.
36.Mais ieu pensei que esse pedido que pedir num valia nada daí em diante foi
37.encaminhando...teve negócio de barragem ieu caminhando pedindo eis
38.pruquê num podia e num queria tirar nois daqui praquê aqui nossu lugar
39.sussegadu pra nois sair daqui pra ir pra outro lugar ir pra onde? Fora tem
40.tantus desabrigadus que num tem onde fica ...Eu pedir eis cum amor e
41.carinhu pra num tirar nois daqui praquê pra onde nois ia praquê nois tá
42.nossu lugar que Deus deu pra nois.
43.Nois sair daqui pra morar aonde? Cumê lixo na cidade.
44.Cume ieu fui em muita reunião de barragem pedir eis cum amor e carinhu
45.que num fizesse isso cum nois praquê nois num tinha cundição de sair de
46.nossa comunidade. Naqui tempu nois num contava cum prefeitu aqueis
47.quem sabia ler as muié num contato cum Munte Aleigue.

Excerto 5:Transcrição 2

48.Na transcrição 2 a entrevistada fala da origem e historia do povo Kalunga.
49.Uá essi Quilombu du Kalunga achu que foi dus escravus que viere praqui
50.i cunstrui essa comunidade...Foi dirigidu dus escravus que tudu era sufridu
51.pra lá aqueis descendente da África dus tempus passadus de muito anus
52. que num foi Du meu tempu minha num explicô isso pra mim mais ieu tivi
53.U cunhecimentu que foi assim. Aqui era um lugar isoladu dentru da serra
54... Ente a serra e u riu...
55. Aqui tinha índiu tinha índiu aqui tinha muito índiu tem um lugar aqui da
56.ardeia que era dus índius...Aqui primeiru era dus índius depois que veiu us
57.negrus que juntu aqui cum us índius de jeitu que no cumeço ninguém num
58.pudia ir nu riu de noite praquê us índius jogava peda aí foi indu foi
59.indu,rendendeu gente aí eis sumiu. Hoje us índius cabou tem mais naum.
60.Agora aqui ninguém vê mutive de índiu tem lugar aqui que tinha até panela
61.de índiu.
62.Eu Kalunga vou expriar pro oceis ,é cumeçadu daqui du manicípiu di

63.Munte Aleigue ,é tiradu daqui ,toda vida aqui foi Kalunga e us outus lugar
64.num era Kalunga passou por sê Kalunga pro causa du território.
65.Tem u nome de Kalunga é pro causa du coigui chamadu Kalunga e uma
66.pranta que tem chamadu Kalunga que seive pra remediou ,aí que situa
67.Kalunga. Aí nois poise as comunidades tudu Kalunga ...Aí tudu é
68.descendência de Kalunga.Nois tem que uni,pruquê só num da pra resolver
69.nada
70.Munte Aleigue.Terezinha i Cavaicante. Tudu tem a descendência Kalunga
71.coloquei tudu juntu. Pruquê nu cumeço eis me botaram me levaram
72.enganada sem sabê u que ieu tava fazendu toda coisa eis precurar era
eu.Na hora da reunião lá quem falava era ieu Ticu i Rosalinu.
73.ieu num sei lê i nem escrevê a litura minha foi a que Deus me deu na
74.minha ideia essa Deus me deu i essa Deus num deixa cabá ;pruquê ieu
75.tem coragem di pidir u que te necessidade...Num vou falá coisa di mentira i
76.nem contar vantagem ...Queru ir na paz i união di bom coração.
77.Hoje ieu queru que a presidenta agora ,governadô cabá de ajudá u Kalunga
78....pruquê tem uma parti daqui que num tem luz u povu ainda tá sofrendu
79.iscola nu escuru e sem água. Eu quero pidir a presidenta.
80.governadô deputado mais forças é é .Que ieu num pirijicar u preito daqui
81.e nem vereadô .Que oceis dá mais forças pra eis e pra nossa
82.cumunidade.u que nois tem aqui foi tiradu de lá juntu cum u preitu.
83.Aqui precisa de um postu de saúdi precisa de ensinu mediu precisa de luz
84.pra lugar que num tem precisa de água em augumas iscola mais
85.oportunidade de empregu e educação. Sempre ieu vejo Dilma falá de toda
86.comunidade,mais nunca vi ela falá no Kalunga nunca vi ela falá nu
87.manicípiu di Munte Aleigue.Terezinha. Cavaicante i nem Campus Belus
88.só noutas cumunidades.

Excerto 6. Transcrição 3

a) Sobre a cultura Kalunga

O Kalunga traz em seu contexto cultural a dança conhecida na região por Boilé, de acordo com as informações adquiridas nas entrevistas com Iaiá Procópio, percebemos assim que boilé trata-se de uma dança com música característica em que os dançarinos são pares, conforme a composição da dança da quadrilha, o que leva-nos a ver grandes semelhanças entre ambas, uma vez que as vestimentas são parecidas, pois são a caráter da dança, porém tem suas diferenças conforme é possível perceber no excerto abaixo:

89. leu aprendi com us mais veiu mues pais, praquê a cultura era rezandu, ia
90. pra festa sentava todú mundu pra rezá, mãe, fi... na hora da reza tava tudú
91. juntú, num ficava ninguém fora; quem tinha fi na hora da reza levava
92. tudú, todus participava. A tradição na hora que passava a reza, fazia
93. sussa, boilé, botava us mininu pra brincá ronda, fazia brincadeira... Hoje, hoje
94. num ta assim mais ...
95. Boilé é uma dança que gente dança rodano parecido cum quadrilha... mais
96. diferenti us pá vai passandu passandu ai vai trocandu homo i muié...
97. A ronda é assim pega na mão dum pega na mão doutru iaí vai
98. cantanu... Botava us mininu pra cantá assim carangueiju num é
99. peixe, carangueiju peixu é carangueiju só é peixu na enchente da maré, bate
100. cum essas mãos (ela bateu palma) sapateia cum esses pé (ela bateu o pé
101. no chão) ronda ronda cavaleiru panha a dona que quizé... Aí rodava
102. tonava ...
103. Muisga boilé é assim: olé olê olê lá hô carunbê carunbá (batendo
104. palma) aí agora joga us veise e toca... na hora do boilé é um homo i uma
105. muié é u pare, um homo i uma muié...
106. A sussa... uns bati na caixa, outos bati na buraca, aí us homo ia cantá i as
107. muié ia dançar de duas a duas... duas dançanva aí vinha abraçava outas
108. na roda aí entrava i ia... era animadu naquele tempu. Hoje acabô tudú... us
109. mais novo num ta querendu aquelas coisa dus mais veiu...
110. Oia iei sei que nossa tradição daqui du Kalunga nois tá botanu fora, ieu já
111. sair daqui pra i cantá lá em São Jorge em Munte Aleigue pra i fazê

112.representação di nossu Kalunga. Mais us daqui du Kalunga memu num tá
113.querendu ieu queria mostrar a tradição de nois aqui dentu du Kalunga(fez
114.jesto com os braços apontando para o chão) mais nunca pudi praquê aqui
115.quem faz foiça só ieu...ieu já tô veia ...outas coisa que ieu agora vou pidi
116.quandu ieu num dé mais ieu queru deixá minha neta nu minha vaga pra
117.consevá as coisa aqui i num deixá a tradição nossa acabá ...A Luidi minha
118.neta essa que é pra ficá firma em meu lugar sigurar u que ieu fisso...tudu
119.mundu vem me cunhecê ieu num sei o que ieu sô ...Só Deus sabe o que
120.ieu sô...
121.ieu sô parteiratudu issu mixia cum partu,duença aqui quandu duecia
122.ninguém ia ni cidade,num tinha hospitalu em Munte Aleigue...Nois tratava
123.era aqui memu cum raíz du matu...cada um sabia fazê um remedim...Hoje
124.cabo issu tudu ,uma muié ia ganhá mininu num ia pra ciade,tinha tudu era
124.aqui ,tinha us ajudante que ajudava tudu.Hoje us mais cabo,us mais novu
126.num aprendeu...
127.Agora toda que vai ganhá mininu vai pra cidade,e chega lá num cuida das
128.muié cumu nois da comunidade cuidava...as muié hoje ta tudu duentada tá
129.tudu.sofrenu...Cê vê muié nova tudu cum mininu.Nois naquele de nois
130.ganhva mininu aqui da hora ganhava mininu as muié era tudu sadia.Mais
131.hoje de mudo é lá nu hospitalu comi tudu quanté coisa ...Lá num dá
132.remediu que nois aqui dava hoje de mudô tudu...As cumidas das muié era
133.só galinha e carne quandu ganhava neném...Quandu u mininu caísse
134.imbigo já cumia feijão ,arrois ...E u mininu quandu nascia u premeiru cumê
135.que cumia era ovinhu molu pra ficá cum estambu forte...Naquele tempu num
136.tinha ninguém cum estambu fraco...Us mininu já alimentava di criança nu
137.nascê...Dava u ovu,dava u azeite pra saí a ferrage...Era us mininu tudu
138.sadiu hoje.ta di mudadu. A ferrage é preta que fica dentu da barriga
139.du mininu...u minuni ta dentú ele tem saí da barriga dele se num saí a
140.barriga dói...Ocê vê mininu i pru hospitalu i chorandu cum dor di barriga é
141.ferrage que ta estraganu.
142.Quandu a muié ganhava mininu saia pra fora cum sete dia cum a criança
143.pra mostrá lunha...A muié saia cum treis dia i u mininu era cum sete dia.

144.Us fi..us mininu pemeiru só via a lunha depois via u solu.Hoje as
145.crianças ta vendu o solu pemeiru que a lunha.Criança di hoje num sabi
direitu
146.o que é a lunha..só cunhece solu.lunha não.Acho que porisso que as coisa
147.ta tudu de mudadu..aparece cada duença diferente.

b) As pessoas jovens Kalunga no futuro:

148.Óia minha fia ieu tem é medu du futuro dus novu pruquê as coisa dus veiu
149.eis num acumpanhá mais aí num sei o que vai acuntecê cum eis...Vai
150.nunha reza num quer aprendê uma sussa eis num quer aprendê um nada
151.eis num aprendê só quer essas coisa novade televisão televisão quntu coisa
152.i as muié ganha mininu é cumendu toda cumida errada.Num sei o quê vai
153.acontecê cum eis ieu só da minha vida du que já passei ieu que tinha
154.cuidadu mais num reclamu de Dues hoje tô ruim das pernas tô duenta das
155.pernas mais num intestinu ieu num sintu nada sô sadia só num sô mais
156.sadia pru conta das minhas pernas...Acho que ieu tem remativu já fui tudu
157.quantu lugar curadó i tudu nuca achei remediu mais minha pernas é ruim...

c) Sobre Bezimentos

158.Num sei bizimentu,só reza di ieu rezá nu autá ieu sei.Mais bizimentu ieu
159.num sei é nada.Sei a reza de rezá nus feteijus vô rezá uma aqui...Sinhora
160.du Rusaru.Vou rezá uma...

d) Reza Nossa Senhora do Rosário

161.Virgem du rugarô mais já foi uma rosá ente a aima a flori foi a mais
162.feimosa(bis)...Foi a mais feimosa e claru que u diaá cercada di luz i daaaa
163.virgem Maria(bis)...Da virgem Maria i graça ele assoô desse ventu impuru
164.loguuu ele incarnoô (bis)...E logu ele incarnoô e na pura entranha é um
165.verbu divinô Jesus us deus mininu(bis)...Jesus Deus mininô i quando ele
166.nasceuu logu u mundu todú dele si encheuu(bis)...Quem quizê sê de
167.Jesuse cum muita alegria reza um pai di nossu i uma ave Maria(bis)...Viva
168.e reviva sinhô San Jaquim San Jusé i Santana sinhô du Bonfim
169.hô(bis)...Sinhô du Bom finhó i nus darei um bom finhó na vida i na

170.morti vois a lembrá di mim(bis)...**(FIM DA RESA)**...

...Fala da Iaiá Procópia....

171.I essa reza fica guardada diretu diretu na minha cabeça num isqueci dum
172.anu pru outu.Essa di rezá nu aítá é reza forti forti ieu rezo di fé ieu sei quê
172.essu que ajuda nois...Essu que é a força di nois que nois

173.nascemu criemu essa tradição essa ieu acumpanhei i queru deixá pru
174.meus netus queru deixá pru meus fi assim eis interessá ieu quiria deixá
175.tudu qui ieu sei pra eis.Ieu tem vontadi du quê ieu naum di malidade u quê
176.ieu tem na minha deixá tudu na minha famia amor carim trabaiá...Num
177.maitratá ninguém respeitá Deus i u povu.

Reza de altar: são as rezas rezadas nos festejos das Romarias e nas festas boca de noite(festa de uma só).

178.Primeiro faz o nome do pai...
179.Divinu espírito hoje veiu lhe visitá, também veiu pidindu esmola para
180.repartí cum us fi na maior necessidade.
181Na maior necessidade di doministru dão cristu tome pra sê abrasadu nu
182.fogu da mãe divinu...
183.Divinu Espiritu Santu.
184.Divinu consoladô consola as nossas aima quando esse mundu fô.
185.I cum muita alegria us anjus vai nus levá nus pés da virgem Maria...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Registrar os conhecimentos e a história de vida de uma anciã sábia por meio de suas memórias é de grande importância para mim e para a comunidade Kalunga Riachão. Pois vejo que, enquanto sujeito participativo desta pesquisa é um momento especial de abordar, valorizar e resgatar o conjunto de saberes dessa pessoa que ainda se encontra nessa (invisibilidade) por parte da sociedade.

Este registro é a memória de uma pessoa muito importante para mim, e que tem uma bagagem com conteúdos riquíssimos, que está sendo transmitida da linguagem coloquial para linguagem da norma padrão por mim enquanto escriba. É importante dizer que não há nenhum registro realizado de concreto dessa mulher guerreira, muito menos em relação a respeito da formação da comunidade considerando seus falantes com origem étnica, identidade e variedade linguística. Vale salientar que este trabalho tem a preocupação em garantir a autenticidade dos fatos narrados através dos causos, canções bem como por meio das entrevistas.

A vida social nos possibilita entender o contexto histórico e nos conduz a compreender as condições de vida de forma concreta que vivencia cada indivíduo. Com as diversas formas de linguagens que existem com os diversos sujeitos falantes. Sejam elas: literária, social e ideológica de acordo com a identidade de cada povo, seja pelo aspecto social e econômico. E com isso vão dando forma ao seu comunicar de diversos conceitos em que acreditam e os tem como fundamentais para seu existir e apresentam todas essas peculiaridades de formas diferenciadas.

Consideramos que os letramentos estão presentes nas relações sociais e na cultura Kalunga, que vem se revelando na oralidade acumulados na memória das pessoas, como vimos na história de vida da Matriarca Kalunga. Dessa forma, compreendemos que esses conhecimentos estão relacionados a uma pluralidade de saberes adquirido empiricamente quanto nas relações no contexto de circulação mundo da oralidade, da leitura e da escrita. No entanto, na sociedade encontramos pessoas com várias habilidades aprendidas na experiência de vida, que é considerada por alguns estudos conhecimentos que constituem os múltiplos

letramentos. Esses letramentos reforçam que o mundo está entrelaçado de aprendizado que se dá através relação social e no contexto de vida, principalmente nas comunidades tradicionais como no caso do Kalunga.

REFERÊNCIAS

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. *Kalunga: povo da terra*. 1. Ed. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

BAIOCCHI, Meire de Nazaré. *Relatórios técnico-científicos para a demarcação do sítio histórico Kalunga*. Goiânia, UFT, 1990.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. 1945. *Nós chegemos na escola, e agora?* Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRASIL. *Documento Final da I Conferência Nacional de Educação do Campo*. Luziânia, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOZZA, Sandra. *Letramento: uma questão de vida*. In: *Temas em Educação IV- Jornadas 2005*.

CALDART, Roseli Salete, ET alii. *Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: 2012.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa qualitativa, quantitativa e mista*. 2. Ed. Porto alegre: Artmed. 2007.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo, 1921-1997 *A importância do ato de ler : em três artigos que se completam / Paulo Freire. – 49. Ed. – São Paulo, Cortiz, 2008.*

KLEIMAN, Ângela B. (org). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995. Coleção Letramento, Educação e Sociedade.

POIRIER; J Clapier-Valladon, S & Raybant P.(1995).*História de vida,teoria e prática*.Oeiras:Celta Editora.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. *Construção das Escolas Famílias Agrícolas*

no Brasil. Ensino Médio e Educação Profissional. Brasília: UnB, 2004. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.*

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.*

SOUSA, Rosineide Magalhães. *Gênero discursivo mediacional, da elaboração à recepção: uma pesquisa na perspectiva etnográfica. (Tese de Doutorado), Brasília UnB, 2006.*

SOUSA, Rosineide Magalhães; VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmento. *Língua Materna II. Brasília: UnB, 2007.*

